

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLÍNICA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA
(ESTUDO DE CASO)**

MEIRE RODRIGUES SILVA

ANÁPOLIS-GO

2010.

MEIRE RODRIGUES SILVA

Dificuldade no Processo de alfabetização

ANÁPOLIS-GO

2010.

MEIRE RODRIGUES SILVA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA
(ESTUDO DE CASO)

TCC apresentado á coordenação do curso de Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para aprovação no curso.

Anápolis-Go, 06 de Outubro de 2010.

APROVADA EM: _____ / _____ / _____ /NOTA _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. MS. Sueli de Paula

Orientadora

Dedico esse trabalho aos meus pais, que durante anos vem me apoiando e acreditando no potencial que Deus confiou e tem confiado a mim em conquistar o presente e o futuro da minha aprendizagem como profissional da Educação.

Agradecimentos

Primeiramente a Deus, pela inteligência e sabedoria presenteada ao ser humano. Ao professor Jacinto que me proporcionou e motivou a conquistar novos conhecimentos através do Curso de Psicopedagogia. A minha colega Deniciara em especial pela troca de conhecimentos e incentivos constantes. A Diretora Ana Paula por contribuir de uma maneira toda especial, para que eu realizasse meu estagio em sua Instituição. Ao Pr. Jose Loures pelas suas orações em meu favor; a professora: Suely de Paula Cunha, por tantos conhecimentos transmitidos através de suas ricas experiências e suas indicações para estudos. Enfim, a todos os colegas que colaboraram de uma forma direta ou indireta durante toda essa jornada.

“As faces do amor”

Fique sabendo que:

O Dever sem amor avaliativo

Te faz mau humorado...

A responsabilidade sem amor lúcido

Te faz imprudente...

A Ciência sem amor refletido

Te faz arrogante...

A gentileza sem amor objetivo

Te faz hipócrita...

A Honra sem amor ponderado

Te faz cruel...

A Justiça sem amor realista

Te faz duro...

A Ordem sem amor simples

Te faz complicado...

A Riqueza sem amor justo

Faz-te avarento

A Fé sem amor interrogante

Te faz fanático...

A Vida sem amor autentico

É vazia e sem sentido...

Mas a Vida vivida em amor a Deus

É permanente fonte de harmonia, Criatividade, Paz e Felicidade...

Autor desconhecido

Sumário

Apresentação	9
Definição	
Objeto de estudo	10
Caráter Interdisciplinar:	
2. Diagnóstico psicopedagógico Clínico	12
2.1 - Instrumentos Utilizados	
2.1.1 – Anamnese	
2.1.2 Entrevista com o cliente	
2.1.3 Provas do Diagnóstico Operatório.....	
2.1.4 Provas Projetivas Psicopedagógicas	13
2.1.4.1 Eu e meus companheiros.....	
2.1.4.2 Família Educativa.....	
2.1.4.3 Par Educativo	
2.1.5 Provas Pedagógicas	
2.1.5.1 Língua Portuguesa	14
2.1.5.2 Matemática.....	
2.1.6 Entrevista com a professora.....	
2.1.7 Observação do material Escolar	15
2.1.8 Hora do jogo.....	
2.1.9 Atividades Lúdicas	
2.1.10 Jogo de regras	16
2.2 Análise dos Instrumentos Utilizados.....	
2.2.1 Anamnese	
2.2.2 Entrevista com o cliente	18
2.2.3 Provas do Diagnóstico Operatório.....	19
2.2.4 Provas Projetivas Psicopedagógicas	20
2.2.4.1 Eu e meus companheiros.....	
2.2.4.2 Família Educativa.....	
2.2.4.3 Par Educativo	
2.2.5 Provas Pedagógicas	21
2.2.5.1 Língua Portuguesa.....	

Leitura Oral.....	22
Cópia	
2.2.5 Matemática.....	
2.2.6 Entrevista com a professora.....	23
2.2.7 Observações do material.....	
2.2.8 Hora do Jogo.....	24
2.2.9 Atividade Lúdica	25
2.2.10 Jogo de regra	
5. Hipótese Diagnostica	26
6. Sugestões e Encaminhamento.....	27
6.1 Sugestões para a família.....	
6.2 Sugestões para a escola	
7. Conclusão	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29
Anexos	30

Apresentação

Este estudo teve como origem o estágio supervisionado em psicopedagogia clínica, tendo como objetivo, estudar o diagnóstico psicopedagógico clínico de uma criança. Buscando observar, pesquisar, analisar sob o enfoque da psicopedagogia a importância da qualidade das relações entre ensinante – aprendiz. Não nos esquecendo, de que a teoria a experiência e a prática, nos faz reconhecer que o amor é a base para o bom desenvolvimento do ser humano.

De acordo com (DRESCHER, 1999, p.23) a criança precisa de segurança. Podendo agarrar-se a um ursinho ou boneca de pano para levar consigo onde quer que vá, sendo seu símbolo de segurança. Tendo inclusive a necessidade íntima de sentir-se segura, os pés firmes no chão sólido.

Definição

A psicopedagogia é uma área de conhecimento que estuda os processos de aprendizagem, ou seja, procura compreender como o sujeito aprende, porque não aprende se aprende com dificuldade ou lentamente.

A ação psicopedagógica é baseada em conhecimentos de várias áreas, tais como: Neurologia, Psicomotricidade, Psicologia, Pedagogia, Psicanálise.

Lógico que nenhum dessas áreas surgiu apenas para responder às questões dos problemas de aprendizagem, mas através de suas informações científicas se possibilitou a reflexão sobre a existência ou não de anormalidades no aprender.

A psicopedagogia nem sempre teve esse olhar interdisciplinar. Na década de 50 no Brasil, sua atenção voltava-se para a solução de problemas de problemas das crianças deficientes, através de abordagens médicas e psicológicas.

Nesta década, educadores e vários especialistas usavam nomenclaturas da medicina para classificar os fracassos escolares.

Assim, durante muito tempo, a visão organicista ditava como causa de problemas de aprendizagem uma disfunção neurológica, mais conhecida como disfunção cerebral mínima (DCM), sobre estas questões Bossa (200. P.43) diz que

O rótulo DCM foi apenas uma dentre os vários diagnósticos empregados para camuflar problemas sociopedagógicos traduzidos ideologicamente em termos de

psicologia individual. Termos como dislexia disritmias e outros também foram usados para esse fim.

O atendimento estava focado apenas no solucionar os sintomas através de teste ditos eficazes. Somente alguns reeducam dores mais sensíveis não se limitaram à aplicação de testes, e começaram uma nova visão:

Segundo (RUBINSTEN, 1999. P.19). Os reeduca dores mais sensíveis, estavam na França. E tratavam da chamada “Dislexia.” Observaram que a superação das dificuldades ocorria não somente devido aos exercícios, mas principalmente, pela relação que se estabelecia entre o terapeuta e o paciente e paciente e sua produção.

Aos poucos em decorrência de inúmeras pesquisas sobre os problemas determinantes do fracasso escolar, suas praxes, a função do professor, da escola e da família, passaram a dar significância à função do não aprender, como nos casos de crianças que apresentam um mau rendimento escolar, na verdade para ganhos de legitimidade.

Desde os primeiros anos de sua existência, a prática psicopedagógica tem sido demasiadamente desviada dos seus princípios. Vale ressaltar que ainda hoje, muitos confundem o psicopedagogo com reeducador, pois não esta compreendida claramente, a função de cada um desses profissionais.

Objeto de estudo

A psicopedagogia no inicio de suas práxis tinha como objeto de estudo o sintoma, mas em decorrência do aprofundamento de estudos, chegou – se à conclusão de que o sintoma é apenas um “sinal que algo não vai bem”. A psicopedagogia passou a ocupar – se da aprendizagem humana aderindo ao problema de aprendizagem humana: Como se aprende, como essas aprendizagens variam por diversos fatores, como se produzem as alterações, e principalmente como reconhecê – la, tratá – las e preveni – las.

Caráter Interdisciplinar:

A atuação clínica consiste em atendimentos individuais, em consultórios, hospitais com embasamento em diferentes correntes teóricas focalizando a aprendizagem em seus processos. De acordo com função de cada um desses profissionais.

Conforme as palavras de (Bossa 2000, p.26) o estudo psicopedagógico possuem importantes teorias para que se realize um bom trabalho.

A psicanálise se encarrega do mundo inconsciente operante através da dinâmica psíquica que expressa-se por sintomas, já a psicologia social: se trata da constituição dos sujeitos, das relações familiares, grupais, socioculturais e econômicas específicas e que constitui a aprendizagem.

Analisando o ponto de vista de quem ensina. Portanto a Neuropsicologia, possibilitam a compreensão dos mecanismos cerebrais, aprimorando as atividades mentais, indicando o que corresponde ao ponto de vista orgânico de todas as evoluções ocorridas no plano psicopedagógico contribuindo com as diversas abordagens do processo ensino aprendizagem. A lingüística: Traz a compreensão da linguagem como um dos meios que caracterizam o tipicamente humano e cultural a língua enquanto código disponível e a fala como fenômeno subjetivo, evolutivo e historiado de acesso a estrutura simbólica. A psicopedagogia como prática interdisciplinar de ação multidisciplinar, recorre a diversas teorias, como citadas, para entender melhor a dinâmica do saber constituído ao sujeito, bem como as leis que reagem tal processo.

O psicopedagogo está dividido em duas áreas: Institucional e Clínico.

A psicopedagogia clínica é a área que estuda e trabalha o processo da aprendizagem humana. Com suas várias abordagens contribui para o desenvolvimento e crescimento do sujeito aprendiz.

Mediante as avaliações análises, reflexões, observações propostas e testes específicos (fundamentos teóricos e seguidos a norma da profissão) a psicopedagogia tem condições de reestruturar os aspectos de situações de defasagem escolar, dificuldade de aprendizagem, equívocos administrativos (escolares), principalmente pedagógicos (m/s psicopedagogia).

Durante o estágio, que foi realizado no período de junho a setembro, foram realizadas dez sessões de diagnóstico. Quando foi atendido P. com dez anos de sexo masculino, cursando o segundo ano do ensino fundamental de nove anos que apresentava a queixa familiar que por sua vez diz que a criança é triste por não saber ler e escrever feita por sua própria mão. E ainda apresentando "Dificuldade no processo de alfabetização feita pela escola.

2. Diagnóstico psicopedagógico Clínico

2.1 - Instrumentos Utilizados

2.1.1 – Anamnese

Conforme os estudos de (WEISS 2008 p. 63) a anamnese é um dos pontos cruciais de um bom diagnóstico. É ela que possibilita a integração das dimensões de passado, presente e futuro do paciente, permitindo perceber a construção ou não dessa própria continuidade e das diferentes gerações, ou seja, é uma anamnese da família. O ponto de vista familiar da história de vida do paciente traz em seu bojo seus preconceitos, normas, expectativas e circulação dos afetos, do conhecimento, além do peso das gerações anteriores que é depositado sobre o paciente, tendo por objetivo coletar dados significativos sobre a história de vida do paciente. .

2.1.2 Entrevista com o cliente

Com base nos estudos de (GUIMARÃES 1998), a entrevista é um dos instrumentos usado para investigação com o objetivo, de buscar informações de um modo em geral sobre temas previamente definidos, obtidas mediante conversa estabelecida entre investigador e sujeito.

2.1.3 Provas do Diagnóstico Operatório

Segundo (MARC, 1994 p.04) através das provas operatórias, é possível detectar o nível de pensamento alcançado pela criança, ou seja, o mesmo nível de estrutura cognitiva com que o sujeito é capaz de operar na situação presente.

2.1.4 Provas Projetivas Psicopedagógicas

As provas projetivas, como seu nome indica, tratam-se de desvendar quais são as partes do sujeito depositado nos objetos que aparecem como suportes da identificação, e quais os mecanismos que ativam diante de uma instrução que obriga o sujeito a representar-se diante de situações estereotipadas e carregadas emotivamente.

Segundo (PAIN, 2008 p.61 e 62), o diagnóstico dos problemas de aprendizagem, interessa especialmente ao exame dos conteúdos manifestos nos protocolos e sua relação com os sentimentos agressivos ou de modo associado às situações representadas. Entretanto, concentramos a atenção na eficácia e nas limitações dos recursos cognitivos empregados pelo paciente para organizar sua descarga emotiva, isto é, determinamos a solvência dos relatos e as grafias para conter e liberar os afetos que o estímulo desperta. Nesta perspectiva, registramos a peculiar modalidade com a qual a inteligência trata o objeto o reconhece e o associa com sua experiência, o discrimina na sua própria legalidade e o utiliza convenientemente no ponto de coincidência com sua necessidade.

2.1.4.1 Eu e meus companheiros

Conforme os estudos de (VISCA, 1995), esta prova visa estudar o vínculo de aprendizagem com os companheiros de classe.

2.1.4.2 Família Educativa

De acordo com (VISCA, 1995 p. 67), essa técnica tem por objetivo, estudar os vínculos de aprendizagem com o grupo familiar e cada um dos seus integrantes do mesmo.

2.1.4.3 Par Educativo

Conforme o texto de (VISCA 1995), o par educativo tem o objetivo de investigar os vínculos de aprendizagem.

2.1.5 Provas Pedagógicas

“A investigação do nível pedagógico pode ser feita de diferentes maneiras. Uma delas é através do uso das chamadas provas pedagógicas clássicas. Consistem estas no uso de material graduado (textos de leitura, série de problemas etc.) com dificuldade crescente que posicionará o sujeito dentro de diferentes níveis de uma escala de produtos”. (WEISS, 2008 p. 94).

2.1.5.1 Língua Portuguesa

“A leitura significa muito, mais do que um simples processo pelo qual uma pessoa decifra os sinais ou símbolos como palavras e letras. A escrita pressupõe também um desenvolvimento motor adequado, podemos citar a coordenação fina que irá auxiliar numa melhor precisão dos traçados bom esquema corporal, boa coordenação óculos manual, além disso, a criança necessita de uma organização no espaço gráfico, em termos de orientação espacial e temporal”. (BOSSA, 2006).

2.1.5.2 Matemática

De acordo com (WEISS, 2008 p. 99) o estudo em matemática é necessário para avaliar o raciocínio lógico, o cálculo em si, a leitura e as interpretações de problemas. Sendo que a avaliação do cálculo é feita em dois níveis: o cálculo mental e a execução dos cálculos escritos. Nas escritas, há inúmeros aspectos a serem avaliados: A capacidade de estruturar graficamente, a construção do algoritmo das operações, o conhecimento do sistema decimal, símbolos e códigos.

2.1.6 Entrevista com a professora

Com base nos estudos feitos por (VINOCUR, 2009 p.101) algumas ocasiões, partindo do trabalho pedagógico, enfocamos a situação investigada a partir do referencial do professor, já que, após as observações feitas em sala de aula, constatamos que, modificando sua prática em alguns aspectos, pode ser possível obter resultados benéficos para um ou mais

alunos. Realizamos, assim, intervenções “indiretas”, provocando algumas mudanças nas atividades docentes, que vem repercutir nos processos de ensino-aprendizagem que são desenvolvidas em classe.

2.1.7 Observação do material Escolar

“A análise do material escolar implica verificar a metodologia utilizada em sala de aula, ou seja, a qualidade didática. Por exemplo, no que se refere ao erro, observa-se o tipo de erro ou acerto do paciente, o modo como esse é encarado pelo professor, se é assinalado, revisto e trabalhado na construção do conhecimento. Observa-se também como anda a organização em nível de antecipação e estruturação das atividades, o cuidado ou não com as suas diferentes matérias”. (WEISS, 2008 p. 94).

2.1.8 Hora do jogo

A hora do jogo é utilizada (que nos temos pautado quanto à ordem, tipo de caixa e tipo de objetos) visando compreender alguns processos que podem ter levado à gestação de uma patologia no aprender, já que:

O espaço de aprendizagem e o espaço de jogar são coincidentes, ambos os processos tem momentos analogizáveis (inventário – organização – integração). A modalidade desenvolvida no jogo e o tipo de tratamento do objeto lançam luz sobre a cena de aprendizagem, pois o brincar, possibilita o desenvolvimento das significações do aprender em si. O que no adulto, aparece no motivo de consulta (a demanda, as fantasias de enfermidade e cura), principalmente na linguagem verbal, que na criança expressa-se através da linguagem lúdica.

Para (FERNANDES, 1991 p.167 e 168), a hora de jogo psicopedagógica ajuda na dicotomia dos projetivos-testes de inteligência, e principalmente ajudando a observar em seu operar, aqueles aspectos que tradicionalmente foram estudados de forma isolada e somente em seus produtos (através dos testes de desempenho, de psicomotricidade, de maturidade rítmica motora, de dominância lateral, etc.), essa técnica permite observar a dinâmica da aprendizagem.

2.1.9 Atividades Lúdicas

No diagnóstico, o uso de situações lúdicas é mais uma possibilidade de se compreender basicamente, o funcionamento dos processos cognitivos e afetivo-sociais em suas interferências mútuas, no modelo de aprendizagem do paciente.

“Todo profissional que trabalha com criança sente que é indispensável haver um espaço e tempo para a criança brincar e assim melhor se comunicar se revelar: o médico que cria jogos com objetos do consultório, o vendedor que provoca uma brincadeira com o comprador-mirim, o professor que possibilita situações lúdicas em sala de aula etc. São exemplos claros desta situação. No trabalho psicopedagógico, chega-se as mesmas conclusões, quer seja no diagnóstico, quer no tratamento”. (WEISS, 2008 p.73 e 74).

2.1.10 Jogo de regras

De acordo com (KISHIMOTO 2000) os jogos sob um enfoque psicopedagógico interferem diretamente no desenvolvimento da imaginação da representação simbólica, da cognição, dos sentimentos, do prazer, das relações, da convivência, da criatividade, do movimento e da auto-imagem dos indivíduos.

As regras do jogo servem para possibilitar o pleno desenvolvimento da aprendizagem do sujeito e posteriormente a realização de uma análise das significações do aprender para que com a criança, ajudando a compreender alguns dos processos que podem ter levado a instalação de alguma patologia no aprender. Observando os processos de assimilação, acomodação e seus possíveis equilíbrios, desequilíbrios, e compensações. Gerando inclusive a oportunidade de realizar uma análise da modalidade de aprendizagem do sujeito.

Segundo (FERNANDES, 1991 p. 171) E preciso ver a capacidade da criança para argumentar, para construir uma história e em que medida a cognição põe-se a serviço de organizar seu mundo simbólico.

2.2 Análise dos Instrumentos Utilizados

2.2.1 Anamnese

Durante o momento de entrevista realizada com a mãe, ela relatou do seu jeito simples e simpático, que seu filho P, iniciou seus estudos na creche, percebido

suas dificuldades na escola, mas não tem condições financeiras de pagar alguém para ensiná-lo, o pouco que sabe, ela mesma o ajuda. P não convive com seu pai, só vê uma vez por mês especificamente quando vai pagar a pensão alimentícia. A mãe relatou que P foi amamentado até dois anos e meio, hoje prefere se alimentar com vitaminas, pão, bolacha, fruta e gosta muito de canjica, dorme bem, o sono é tranquilo dorme em sua cama. Mas se acorda à noite com medo vai dormir com a mãe. E tomou trauma do tio após o episódio que levou do mesmo um corte na cabeça.

Seu desenvolvimento psicomotor contou com um bebê que teve cólicas, dores de ouvido, firmou a cabeça com dois meses, sentou aos seis, engatinhou com um ano, ficou de pé com um ano e dois meses e finalmente andou com um ano e meio. É uma criança que teve controle normal dos esfíncteres, foi ensinado pela sua mãe. As atividades domésticas quando as faz, realiza rápido, mas, ao que se refere as escolares tem muita dificuldade. Veste-se sozinho, toma banho só, calça sapato sozinho, não é desastrado em casa, anda de bicicleta, joga bola, é destro. Mas sempre precisa de ajuda para fazer a tarefa escolar, diz à mãe que gosta da escola, mas esta sempre isolado dos demais colegas. Foi para a escola com quase sete anos e hoje é repetente pela segunda vez no 2º ano, e tem dificuldades para aprender.

Faz algumas das atividades que a professora leva para as aulas, conversando muito em momento impróprio. Não gagueja, as primeiras palavras que usou foi seu nome (mamãe). Às vezes comenta com a mãe algo que gostou, mas junto aos tios e avô todos conversam só o necessário.

No que se refere à sexualidade, a mãe disse que até o momento não houve problemas de curiosidade e que ainda não conversou com ele sobre o assunto e na escola as professoras até o momento não fizeram nenhum tipo de comentário. Segundo sua mãe, ele é uma criança muito nervosa, só brincam com alguém dependendo de quem do contrário, se isola. É tímido e não se adapta facilmente ao meio. Tem duas irmãs paternas, mas não tem contato, uma ele não conhece. Há correção por parte da mãe, avô quando precisa. Durante a anamnese realizada a senhora, relatou que sua gravidez foi por acaso, era para ser um simples namoro. E que durante sua gravidez passou muita raiva e não teve carinho de ninguém. Mas que apesar de tudo, P nasceu uma criança saudável. Porém, uma criança que está sempre afastando dos demais colegas de sala e tímido. Sua mãe por não ter tido tal apoio que precisa se manteve distante dos demais membros familiares. Correndo o risco de afetar o futuro seu filho no futuro em áreas marcantes como: O cognitivo, emocional e afetivo por falta de conhecimento. Inclusive, em sua forma de não se deixar entrosar com os colegas e professora.

Segundo (WINNICOTTI, 1973) é a partir dos cuidados que o bebê recebe de sua mãe durante o período de gestação, se inicia a construção da sua identidade, seu modo peculiar de perceber a si mesmo e, conseqüentemente o universo que o cerca. Se esses cuidados não forem bons a criança, em seu desenvolvimento, irá formar um falso Self.

2.2.2 Entrevista com o cliente

Bom, nosso primeiro contato foi bastante interessante. Chegou a mim trazido pela diretora. O mesmo escondia o rosto e não olhava para cima. Fui a sua direção, o cumprimentei e me apresentei. Então ficamos a sós. Iniciei com algumas perguntas como: Seu nome, sua idade, e onde estuda o nome da professora entre outras. Durante algum tempo ficamos conversando, mas, P sempre cabos baixo, disse seu nome completo, porém o mais impressionante foi que acrescentou o sobrenome do pai por si próprio no seu. Soube falar em que ano estuda com quem mora, o nome de sua professora, o que gosta de fazer. Enfim deixou transparecer, que não sabe ler convencionalmente e não consegue escrever. Mas se sentiu a vontade para dizer o que mais gosta de fazer que é assistir TV, brincar com o primo que às vezes vai a sua casa.

Na escola, P só tem um amigo: A, pois brincam no recreio e pintam os desenhos bem bonitos. Mas logo diz que seus lápis de cor são feios e velhos. Quanto à aprendizagem dos conteúdos P deixa claro que não entende o que a tia (professora) explica, às vezes brinca na sala de aula, mas a professora não gosta.

Percebe – se através do seu relato que P tem dificuldade de expor a professora suas dificuldades de assimilação dos conteúdos. P não apresenta ter vínculos com sua professora e nem com seus colegas.

“A pessoa se vincula externamente com outras pessoas, com o mundo e, conseqüentemente, com o conhecimento, de acordo com a vinculação que ela estabelece com essas pessoas internalizadas ou com seu mundo interno. A falta de vinculação afetiva familiar impede que a criança mobilize certo nível de pulsão para a aprendizagem, faltando – lhe o desejo de penetrar no mundo das idéias, restando – lhe o medo frente a situações de conhecimento, impedindo uma vinculação afetiva com o mesmo”. (VISCA, 1987 p.27 e 28).

2.2.3 Provas do Diagnóstico Operatório

2.2.3.1 Prova de Intersecção de Classe

Através desta prova, P demonstra a dificuldade que tem em reconhecer as classes. Somente com perguntas suplementares ele consegue algum êxito e vê a existência de dois círculos, mas não consegue levar em conta a intersecção de classes. O mesmo se enquadra no nível um (1). Intuitivo global.

2.2.3.2 Prova de quantificação da Inclusão de Classes

Já nesta prova, as respostas de P deixa claro que ele esta num momento de transição de resposta do nível 2, pois há duvidas quanto às quantidades de flores e margaridas.

2.2.3.3 Prova de conservação

As respostas de P ate conseguem entendem a correspondência entre os termos, mas não mantém a conservação. Pois neste nível há uma correspondência qualitativa de ordem intuitiva.

2.2.3.4 Prova de conservação das Quantidades de Liquido

As respostas de P durante todo o momento, segundo (MAC DONELL1979 p.28) são compatíveis as resposta do nível 2, pois sua fala e de conduta intermediaria próprias do pensamento intuitivo, podendo aparecer de maneiras diferentes.

2.2.3.5 Prova de Conservação da Quantidade de Matéria

Nesta prova, P com suas respostas correspondem à etapa intuitiva global, porem em cada uma das mudanças ele achava sempre que uma das quantidades era maior.

“As dificuldades escolares podem estar ligadas a ausência de estrutura cognoscitiva adequada que permita a organização de estímulos, de modo a possibilitar a aquisição dos conteúdos programáticos ensinados em sala de aula. Dentro de uma visão piagetina, o conhecimento se constrói pela interação entre o sujeito e o meio, de modo que, do ponto de vista do sujeito, ele não aprende algo que não compete ao seu nível de competência cognitiva, ou seu nível de estrutura cognoscitiva. (WEISS, 2008 p.105).

2.2.4 Provas Projetivas Psicopedagógicas

2.2.4.1 Eu e meus companheiros

Ao desenhar P colocou-se em uma posição afastada dos demais do grupo, o desenho em si só apresenta a cabeça dos colegas o que denota uma integração negativa. Já o da professora esta maior e completo que os demais, mas é individuo distante no desenho, ocupando uma posição elevada diante da turma, pois segundo seus pensamentos o conhecimento dela é significativo. Porém, ele é um aluno distante e não como alguém que está integrado ao grupo. O colega A é representado como modelo de identificação de aprendizagem e amizade, pois ambos tem a mesma idade. O desenho é pobre, sem criatividade. O comportamento de P frente a esta prova Eu e meus companheiros demonstramos um vínculo negativo com a aprendizagem. De acordo com (PAIN, 1986. P. 47).

2.2.4.2 Família Educativa

Nesta prova, P em seu desenho demonstra um caráter intimista, pois em seu desenho há clareza de que ele tem conhecimento das idades de seus parentes e o que cada um deles sabe fazer em casa, para ajudar no bem estar de todos incluindo a si próprio. O tamanho dos personagens em si e para ele de acordo com cada um. A mãe aparece em tamanho maior, pois e a responsável por cuidar dos demais e, no entanto exerce autoridade em sua casa.

Segundo (VISCA, 1999), há indicadores que mostra a cena que cada membro da família faz em casa ou fora. Uma e mais intimista a outra, tem um caráter profissionalizante.

2.2.4.3 Par Educativo

Em seu desenho, a figura da mãe aparece maior (evidencia um vínculo positivo) o do tio era menor (vínculo negativo).

No desenho de P, os personagens estão próximos, porém o ensinante se destaca em tamanho maior que o aprendiz. Ambos estão próximos P soube falar a idade e o nome de seus personagens o título corresponde ao desenho.

Conforme a afirmação de (VISCA, 1995 p. 4 e 5)Os personagens estão frente a frente, indicando um bom vínculo

de aprendizagem P. não apresentou dificuldades para desenhar seus personagens, estando em âmbito extra-escolar, onde é considerado um vínculo com a aprendizagem assistemática.

2.2.5 Provas Pedagógicas

2.2.5.1 Língua Portuguesa

Durante nosso momento em sessão, apresentei a P, as letras do alfabeto. O mesmo reconheceu quase todas.

Após pedi que montasse palavras de acordo com a gravura ex: eu mostrava o desenho de um dado e ele formava a palavra com as pedras em madeira, após pedi para ele ler e leu. E assim sucessivamente.

Mas tarde, entreguei uma folha e disse que faríamos um ditado. Na hora fez semblante de assustado. Mas seguimos com a atividade, P escreveu duas palavras corretas e as outras duas faltaram letra e na em outra o z ficou espelhado.

Na atividade posterior, ele ficou mais calmo e fez as palavras cruzadas lendo o rodapé sozinho. Pude perceber que P tem dificuldade para memorizar, mas fica bastante nervoso, na maioria das vezes quando não consegue ler, tenta adivinhar o que está escrito. Mas se deixá-lo à vontade, vai tentando até conseguir ler as palavras com escrita simples.

Ao apresentar as atividades a P o mesmo, já se sentiu mais à vontade quando reconheceu as letras do alfabeto respondeu com precisão. Mas mostrou-se confuso na hora do ditado, pois confundiu os sons, fez letra espelhada dentro da hipótese do nível silábico ainda assim foi até o fim.

No caça palavra, consultou o rodapé e conseguiu copiar as palavras, através de algumas sílabas que reconhece, porém apresentou auto-estima baixa, quando não conseguia ler queria deixar de lado.

De acordo com (TEBERROSKY, 1997) posso enquadrá-lo na hipótese do nível quatro (silábico alfabético). A criança abandona a hipótese e descobri a necessidade em reconhecer o que vai além da sílaba, Leitura silenciosa

Esta era uma das técnicas que P não tinha conhecimento ainda. Expliquei e exemplifiquei, mas, nem dessa maneira o mesmo conseguia realizar na maioria das vezes e isso o desmotivava e queria parar, pois logo iniciavam as adivinhações.

Leitura Oral

Durante nossas sessões P tentava e até conseguia ler algumas das palavras e lógico se alegrava, mas lia a primeira sílaba e em seguida, tentava adivinhar o final da palavra.

Cópia

Esta atividade foi uma das que o aluno mais se sentiu à vontade em realizá-la, pois não errava...

“A alfabetização não é mais vista como a transmissão de um conhecimento pronto que, para recebê-lo, a criança teria que ter desenvolvidas habilidades, possuir pré-requisitos enfim apresentar uma prontidão. A alfabetização é resultante da interação entre a criança, sujeito construtor do conhecimento, e a língua escrita”. (FERREIRO, 1986).

2.2.5 Matemática

Nas resoluções das atividades, P apresenta dificuldades em reconhecer os símbolos, alguns saem espelhados e confunde a contagem dos números e seqüência. Faz alguns números espelhados, mas reconhece os sinais de adição e subtração. É preciso trabalhar com exercícios que permita desenvolver seu raciocínio lógico.

“Segundo estudiosos existem vários fatores que interferem o raciocínio matemático como por ex: Cálculo mental que não se realiza; E inclusive bloqueios causados por professores pelos seus discursos autoritários e ameaçados gerando um clima de insegurança, formando baixo autoconceito”. (WEISS, 2008 p.99 e 100).

2.2.6 Entrevista com a professora

Segundo estudiosos, vivemos em um momento em que não basta ensinar determinados conteúdos. Isto porque a ciência caminha a passos largos, o que eu ensino hoje pode não ser válido amanhã. Então cabe ao orientador preparar o ser humano para aprender a aprender. (Psicopedagogia – contexto escolar ATTAM. educação p.27).

Então pude conhecer e entrevistar a professora de P Senhora R que foi bastante simpática relatando quem realmente é esse seu aluno. Aluno o mesmo senta afastado dos demais, por estar sempre procurando confusão, não faz a maioria das tarefas é repetente junto a outro colega que mais chama a sua atenção na sala e ambos são os maiores da turma.

Dona R disse que ele não se interessa muito por quase nada, esta sempre na direção, mas é um bom menino, muito carente, mas totalmente distante.

Disse a ela, que P precisa muito de sua ajuda em todos os sentidos. Ela admitiu junto a mim a dificuldade de aprendizagem que ele tem. E se colocou a disposição para colaborar através do seu trabalho pedagógico dentro de suas possibilidades e de acordo com a proposta pedagógica seguida.

Segundo (KLEIN, 1962 p. 17), o nível é o tipo de vinculação que a criança estabelece com as pessoas que a cercam vão determinar o nível e o tipo de vinculação estabelecidos com o conhecimento, repercutindo, assim, na sua aprendizagem.

2.2.7 Observações do material

Este momento foi interessante P, ao trazer para eu ver sua mochila de material escolar, mais uma vez o percebi envergonhado! Dentro tinha uma apostila que a professora faz uso, três cadernos e uma bolsinha com: lápis, borracha, apontador e alguns lápis de cor que ele dizia serem feios e que não tinha cola, mas sua mãe iria lhe dar uma logo. O que pude perceber em suas anotações era que estavam realmente incompletas. Através de um dialogo com P pude observar e manusear seu caderno que estava muito incompleto. O mesmo disse que não sabia fazer e que quando perguntava a professora como resolver, não entendia nada que ela o explicava. Continuamos conversando sobre as tarefas que vão para a casa. Ele disse que lá sua mãe o ajudava e ele conseguia. Mas que na sala de aula, quer aprender, mas não entende o que a professora fala, fiz a ele uma proposta de

estudar em casa as atividades da escola, e pedi auxílio a professora para ensinar – lo em sua carteira e o mesmo aceitou o desafio.

“Senti ali, certa carência de atenção na escola e em casa. Existe à vontade, mas falta motivação, há sim dificuldades de aprendizagem e compreender o que está sendo explicado para ele. “Essa observação verifica a metodologia utilizada em sala de aula, ou seja, a qualidade didática, observando inclusive com está a organização em nível de antecipação e estruturação das atividades, o cuidado ou não com seus materiais”. (WEISS, 2000 p.94)

2.2.8 Hora do Jogo

Durante o período que passei com P percebi nele uma carência de atenção. Fui conquistando cada momento com ele. Por ser tímido, sentar distante dos colegas, P às vezes se esconde atrás de algum objeto ou de alguém. Confesso que fiquei um tanto quanto curiosa imaginando como seria nosso momento para jogar.

O inventário de P foi tirar da caixa o jogo de varetas, ficou muito curioso, perguntava o que é isso? Como se faz pra jogar antes mesmo que eu o explicasse como se jogava.

A organização: P ao manipular a caixinha de varetas, perguntava o que é isso? Como se faz pra jogar antes mesmo que eu o explicasse como se jogava. Logo se encantou com as cores e falou o nome de todas (vermelho, amarelo, azul, preto, marrom, e verde), mas, se perdeu na contagem apresentando novamente dificuldade na seqüência numérica e na capacidade de resolver operações de adição e subtração como situação problema.

Integração-apropriação: P não conseguiu chegar a esse momento do jogo. Pois, não conseguia realizar argumentação entre os objetos e nem em suas conseqüências. Não aceita perder, não compreende que o tentar em si tem um significado importante pra si. A **modalidade de Aprendizagem** de P, e entendida por hipoassimilação. Apesar de se sentir a vontade diante de tantas novidades e assimilar cores, alguns dos números, acredito que algo ficou armazenado em seu cérebro sendo elas, informações importantes para seu cotidiano.

“Pois, o saber se constrói fazendo próprio o conhecimento de outro, e a operação de fazer próprio o conhecimento do outro só se pode fazer jogando. Não pode haver construção do saber, se não se joga com o conhecimento. Onde se refere

inclusive ao lugar e tempo de confiança e criatividade”.
(Fernandez, 1991 p.165).

2.2.9 Atividade Lúdica

Levei para nossa sessão alguns jogos que em momento oportuno coloquei todos à frente de P, para que escolhesse dois para jogarmos.

P escolheu primeiro o jogo de memória, pois, acho que seria muito bom disse ele. Iniciamos sendo ele o primeiro a jogar, percebi ansiedade, depois olhou assustado em todas as gravuras. Vencido o tempo virei às gravuras para baixo. Pedi que escolhesse e formasse os pares dos animais como ele observou. Estava ansioso, começou a levantar as figuras acertou alguns pares, mas houve muita indecisão na hora da escolha. Começou a se antecipar nas respostas, adivinhar o que seria a próxima gravura assim por diante. Ao final do jogo, se alegrou por conseguir encontrar quatro pares.

No segundo momento, P) escolheu o jogo de dominó, mas disse que não sabia como jogar e disse: — Ah! Me ensina a jogar esse? — Sim, vamos jogar P brilhou os olhos e sorriu, respondeu as cores, deu exemplo dos números falando e entendeu o jogo. Jogamos algumas vezes e senti que aquele momento para ele era mágico!

Jogos aplicados, como dominó, permitem desenvolver os aspectos cognitivos, afetivos e sociais da criança. Tanto no jogo de memória, quanto no dominó P estava armazenando suas lembranças no cérebro, correspondente, a área visual estimulando a agilidade da memória em seu processo de codificação e decodificação.

Para (FERNANDEZ, 1991) A hora do jogo é trabalhada detalhadamente observando sua três dimensões, para se compreender os processos que conduzem a uma patologia no aprender.

2.2.10 Jogo de regra

Iniciamos nossas atividades com jogos. O primeiro foi um que o individuo usa de paciência, aperta os botões tenta jogar os bonés nos devidos lugares buscando colocar todos em um cano fino apropriado. Cada um teve seu tempo. Quando chegou a minha vez ele disse: — A senhora vai perder. Segui o jogo e de fato perdi, você tinha razão disse eu. Ele se sentiu o máximo, sorriu e chamou para jogar outro. Ou seja, o vencedor era aquele que conseguisse colocar mais bonés nos lugares.

Em um segundo momento, iniciamos o jogo das varetas. Nesse o vencedor, seria aquele que ajuntasse mais varetas. Tínhamos que colher uma a uma sem triscar nas demais. P se sentia muito nervoso, e a cada vez que tentava pegar uma vareta sem querer encostava-se a outra com isso, infelizmente perdeu a jogada.

Algo interessante aconteceu P pediu para jogar os bonés. Curiosa indaguei por qual motivo e a resposta foi: _Nele eu ganho. Conversamos sobre ganhar e perder, ao final permiti que ele jogasse novamente, e realmente ganhou. O fato interessante foi que P não desistiu de jogar nenhum dos jogos mesmo que lhe parecesse difícil a primeira vista. Mas ficava triste quando não conseguia aprender a jogada.

De acordo com as palavras de (FERNANDEZ, 1991 p.165) Para se adquirir saber e preciso construir fazendo próprio o conhecimento do outro, e a operação de fazer o próprio conhecimento do outro. Só se pode fazer jogando. Então encontramos uma das intersecções entre o aprender e o jogar. Não pode haver construção do saber, se não se joga com o conhecimento.

5. Hipótese Diagnóstica

Após realizar todas as atividades propostas no caso de P, pude compreender através da anamnese realizada ao início do trabalho, que desde a gestação por motivos de forças maiores, P foi afastado da convivência com seu pai biológico. Segundo sua mãe, ela sofreu muito por não receber carinho e atenção de seus familiares, Somente sua mãe a ajudou em suas necessidades diversas. Que após um tempo veio a se suicidar. (avó materna), passando assim por maus momentos. P é uma criança como as demais: precisa de atenção familiar e por parte da escola, sentir-se valorizado querido, entrosar com outros colegas, brincar, sorrir, passear, pois é uma criança. A mesmo mora com adultos, e realmente tem dificuldades em assimilar e se concentrar.

Demonstra querer total atenção para si. Há pesquisas sobre a relação afetiva que nos afirmam que se podem detectar graves comprometimentos nas estruturas psicológicas. Diagnosticar o não aprender como sintoma consiste em encontrar sua funcionalidade, isto é sua articulação na situação integrada aos pais.

Através das atitudes do aluno, fica claro que P apresenta um problema de aprendizagem de Inibição Cognitiva. Pois sempre que pode diz não sei. Gosta de

adivinhar, quando pode copia do colega,apresenta dificuldades de socializar não gosta de participar de uma determinada atividade com o grupo de amigos. Porem necessita de um bom e criativo trabalho pedagógico para que o mesmo possa adquirir conhecimento. Lembrando inclusive, que o docente deve procurar enriquecer seus conhecimentos para exercer boa metodologia de trabalho, pois o tempo passa e a responsabilidade do docente aumenta a cada dia mais.

De acordo com (CHAMAT, 1997). O educador deve buscar compreender os limites de seus alunos quando este ataca o vínculo, acima de tudo, construir uma relação vincular sólida, pois dessa maneira pode-se passar por transferência onde simboliza o conhecimento.

6. Sugestões e Encaminhamento

6.1 Sugestões para a família

Devem-se estabelecer regras em casa pensar, Promover momentos de dialogo, procurar cumprir as regras definidas pela família, reservar momento de estudo de casa. E para que isso aconteça, será preciso: Proporcionar mais encontros com os pais, palestras, dinâmicas tratamentos com psicólogos e psicopedagogos, pois há necessidade do ser humano aprender e crescer em todas as áreas de sua vivida. Permitir que socializassem melhor com crianças de sua faixa etária através da conscientização; Acompanhar e auxiliar em seus estudos de classe e extraclases; Oportunizar o acesso com materiais como (livros, revista, jornal, gibi, bula, receita...) para ampliar a capacidade da leitura e interpretação; Ajudar a organizar e valorizar seu material próprio material escolar, orientando para que seja responsável com suas obrigações em tempo oportuno.

6.2 Sugestões para a escola

A equipe pedagógica deve: Realizar atividades que chame a atenção através do lúdico; O professor (a) deve se orientar para trabalhar com a dificuldade de aprendizagem apresentada por seu aluno (a) Motivá-lo como ser integrante da classe e reconhecer seu valor como pessoa; Trabalhar sempre que preciso com o concreto; Favorecer momentos coletivos de estudo e aprendizagem compartilhadas de diversas maneiras; Aplicar atividades que chame a atenção da turma ou alunos permitindo que haja a concentração e a descoberta, possibilitando a troca de experiência; Apoiá-lo pedagogicamente,

conforme o que ele necessita. Trabalhar com a rotina diária deixando exposto o que será realizado durante o período que estiver na escola, dessa maneira todos se atentarão ao que foi feito e farão.

7. Conclusão

Conforme dados coletados, no diagnóstico psicopedagógico clínico, pode – se afirmar que P, é uma criança que desde a sua gestação enfrenta dificuldades de socialização. Teve e tem ausência do seu pai biológico, devido a fatores significativos sendo que o mesmo, não tem culpa, mas até o presente momento sente. Iniciou seus estudos tarde. As atitudes e reações, emocionais na criança geram comportamentos impulsivos, causando dificuldades para raciocinar com clareza. Nesse sentido, devem ter suas necessidades emocionais e de desenvolvimento atendidas, pois a falta de motivação e baixa auto – estima resulta na aflição da criança que passa a se julgar incapaz até nas atividades escolares.

P apresentou dificuldade de aprendizagem em adquirir conhecimento. Suas atitudes demonstram que o aluno se encontra na modalidade de: Hipoassimilação. Onde, sugere – se um trabalho diferenciado, buscando a melhor forma para que se adquira conhecimento. Porém seu problema de aprendizagem é normal, possibilitando – o, a adquirir a aprendizagem necessária de acordo com sua necessidade estudantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

WEISS Mauá. Psicopedagogia Clínica: **Uma visão diagnóstica** dos problemas de aprendizagem escolar. 10 ed. Rio de Janeiro DP&A, 2008.

DONELL, Juan José Conte Mac. **Manual: Provas de Diagnóstico operatório**. Trad. Simone Carl Berg Bueno Aires, Centro de Informática Psicopedagógica SRL. CIP, 1979.

VISCA, Jorge. **Técnicas Projetivas Psicopedagógicas**, Buenos Aires. Trad. Emilia Borges. Serviços Gráficos 1995.

PAÍN, Sara. **Diagnósticos e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem**. Trad. Ana Maria Netto Machado Ed. Artmed, Reimp. 2008.

FERNANDEZ, Alícia. **A Inteligência Aprisionada**: Abordagem psicopedagógica da criança e sua família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

WINNICOTT , Donald W. **Os Bebês e suas Mães**. São Paulo: Martins Fontes 2002.

CHAMAT, Leila Sara José. **Relações Vinculares e aprendizagem: Um enfoque psicopedagógico**. São Paulo. Vetor Editora Bico_Pedagogia, 1997.

FERNANDES, Alicia. **Os Idiomas do Aparente Análises das modalidades ensinantes com famílias**, escola e meios de comunicação. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

CUNHA, Sueli. **Em aula**, Alexânia, 2010.

Anexos

Anamnese

Y. A senhora e o pai de P foram casados?

M. Nunca, foi um namoro rápido

Y. Ambos fizeram planos para ter filhos?

M. Não, fiquei grávida por acaso

Y. Como foi sua gestação?

M. Tive anemia, fiz transfusão de sangue, muita sonolência, mas fui até os nove meses.

Y. Como se sentia emocionalmente?

M. Muito nervosa, sentia dentro de mim muito raiva, não tinha carinho de ninguém.

Y. Quem apoiou à senhora?

M. Só minha mãe que na época era viva e depois de um tempo se suicidou.

Y. Nasceu com quantos meses? Quantos quilos?

M. Com 9 meses, 2600 kg e 59 cm

Y. Como foi o parto?

M. Normal a seco. Comecei a passar mal às 08h: 00 min. e logo ganhei às 15h00 min., fui levada logo para o hospital.

A mãe relatou que a criança chorou logo, sua cor era normal e correu muito bem.

Y. E no decorrer dos anos P sofreu algum acidente ou passou por cirurgia?

M. Eu tenho um irmão que tem problemas metais e não gosta de barulho. Certo dia, ele estava brincando com um amigo, e ele os agrediu, mas P teve um corte na cabeça e levou seis pontos.

Y. Tem alguma doença?

M. Sim, rinite alérgica e bronquite

Y. Tem alguém na família que apresenta problemas de desmaios...

M. Sim, meu irmão que sempre se interna no hospital psiquiátrico

Entrevista com o cliente

Y. Qual é o seu nome?

P. Respondeu, mas houve um Fato interessante ele acrescentou ao nome dele o sobre nome do pai que não existe em certidão.

Y. Em qual ano você estuda?

P. No 2° B

Y. Fale para mim o nome de sua professora?

P. Disse R.

Y. Como se chama seus pais?

P. Cabes baixo, falou só p primeiro nome de ambos.

Y. Sabe o endereço de sua casa? E o telefone?

P. Não, só minha mãe tem um celular mais eu não sei.

Y. Sabe por que esta aqui?

P. A diretora disse que vou aprender com você.

Y. Você quer aprender?

P. Quero

Y. Em casa o que você mais gosta de fazer?

P. Brincar e assistir TV.

Y. Você recebe amigos em sua casa?

P. Às vezes meu primo

Y. O que você e sua mãe mais gostam de fazer

P. Brincar quando pode, é difícil...

Y. Como são os fins de semana? Passeiam brincam o que fazem?

P. Nada, só fico em casa. Nem fui à festa junina da escola!

Y. E na escola quem é seu melhor amigo!

P. Só tenho um que eu gosto de A. Agente brinca no recreio.

Y. O que você gosta de fazer na escola?

P. Pintar mais meus lápis de cor é feio!

Y. O que menos gosta de fazer?

P. A maioria das tarefas porque eu não dou conta e é chato.

Y. Pedi que me contasse como era sua vida na escola.

P. Ah! Num sei lê e nem escrevo muito gosto de Educação Física porque tem futebol, como canjica o dia que tem porque gosto muito. Às vezes brinco na sala e a tia não gosta. Peço ajuda pra ela pra fazer a tarefa. Mas eu... Faço sim...

Y. Percebo que P tem grande dificuldade em expor a professora suas dificuldades de aprendizagem.

P. Não apresenta ter vínculos com sua professora e nem com seus colegas.

Observação do material

Y. Por que estão incompletas suas tarefas?

P. Não sei fazer

Y. Você não perguntou a professora?

P. Sim, mas não entendi. E fico na minha carteira.

Y. Quem te ajuda fazer tarefa de casa?

P. Minha mãe, pois eu não sei sozinho

Y. Quer aprender?

P. Quero!

Y. O que falta?

P. Ouvir o que a tia falou! E entender.

Y. Estudo em casa?

P. Não

Y. Então vamos passar a estudar?

P. Vamos

Provas do Diagnostico Operatório

Fiz com P. a prova de Conservação de Quantidade de Líquido, usando:

2 copos idênticos

1 copo estreito

1 copo largo e baixo

4 copos idênticos

2 garrafas com água colorida

Iniciei criando uma história tendo como personagem (eu e ele). Saímos juntos, passeava e de repente sentíamos sede e paramos em uma lanchonete e pedíamos:

Ele disse — O que vamos tomar? Respondi: — Suco de abacaxi e groselha. Era o dia do festival de copos diferentes na lanchonete. Então veio para nos os copos acima citados. Nossas garrafas tinham a mesma quantidade. Então iniciei enchendo o 1º copo, e pedi que colocasse a mesma quantidade do meu e perguntei?

Y. Quem vai beber mais?

P. A senhora

Y. Por quê?

P. O seu tem mais

Troquei de copo com a mesma quantidade e disse:

Y. E agora quem vai beber mais?

P. A senhora

Y. Por que sabe?

P. Seu copo é maior

Pedi então que ele colocasse no 4º copo baixo e largo: (a mesma quantidade).

Y. E então quem vai tomar mais suco?

P. Eu

Y. Como sabe?

P. Meu copo e largo e baixo...

E fomos despejando o suco nos copos ate chegar ao ultimo copo sem aumentar a quantidade. E mesmo assim P não conseguiu perceber que a quantidade de suco era a mesma em ambas as garrafas.

E a dificuldade em assimilar em reconhecer as quantidades se deram da mesma forma nas demais provas, bem como: intersecção de classes, quantificação da inclusão de classe, conservação das quantidades de liquido, conservação de quantidade de matéria.